

A LÍNGUA EM TRÊS MOMENTOS DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA RUPTURAS E ALIANÇAS

Aline Milena Borges da Silva Dias

(Universidade Federal de Pernambuco)

Karina Dias Lacerda da Costa

(Universidade Federal de Pernambuco)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Aline Milena Borges da Silva Dias é Mestranda em Linguística pela UFPE e graduada em Letras - Português (Licenciatura). Participa do grupo de pesquisa Rede de Estudos Dialógicos da UFPE. Desenvolve pesquisa no campo da Análise Dialógica do Discurso, com interesse por temas como o gênero discursivo charge, autoria, responsabilidade, voz e compreensão responsiva. Professora de Língua Portuguesa da rede estadual de Pernambuco. E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br</p>
<p>Karina Dias Lacerda da Costa é Mestranda em Linguística pela UFPE e graduada em Letras pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual, coordenado pela professora Dr^a Evandra Grigoletto. Também participa do Grupo de Estudos em Práticas de Linguagem Latino-americanas, coordenado pela professora Dr^a Brenda Carlos de Andrade. Desenvolveu a pesquisa de Iniciação científica (CNPQ 2021-2022) intitulada "Sobre a (des)legitimação da imagem de Pedro Castillo: Embates políticos no Facebook e no Twitter", sob a orientação da professora Dr^a Fabiele Stockmans De Nardi Sottili. E-mail: karina.lacerda@ufpe.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este trabalho analisa a noção de língua em três correntes do pensamento linguístico, a saber, Sociolinguística, Análise Materialista do Discurso e Análise Dialógica do Discurso. Assim, objetiva, de maneira geral, verificar como essas teorias concebem a noção de língua. Para isso, o estudo segue a metodologia de pesquisa qualitativa descritiva, pois busca caracterizar a compreensão sobre o conceito, mediante a revisão de obras-chaves fundadoras, nas três diferentes perspectivas teóricas, propondo, conforme a necessidade, um diálogo tanto com o corte saussuriano no estudo da língua quanto com as teorias desenvolvidas em outros campos das ciências humanas. Ao final, constatou-se que a Sociolinguística, lançando o seu olhar sobre a heterogeneidade do sistema, compreende a língua como o lugar da mudança (a qual pressupõe sempre a variação). Por sua vez, a Análise Materialista do Discurso postula a língua como um objeto limítrofe, dado no balanço entre o real da língua e o real da história. Finalmente, a Análise Dialógica do Discurso entende que a língua tem efetiva existência na qualidade de signo, donde advêm as relações dialógicas.</p>	<p>This work analyzes the notion of language in three currents of linguistic thought, namely, Sociolinguistic, Materialist Discourse Analysis and Dialogical Discourse Analysis. Thus, it aims, in general, to verify how these theories conceive the notion of language. For this, the study follows the methodology of descriptive qualitative research, because it seeks to characterize the understanding about the concept, through the review of founding key works, in the three different theoretical perspectives, proposing, as needed, a dialogue with the Saussurian section in the study of language as well as with the theories developed in other fields of the humanities. At the end, it was found that sociolinguistics, casting its gaze on the heterogeneity of the system, understands language as the place of change (which always presupposes variation). In turn, the Materialist Discourse Analysis posits language as a borderline object, given in the balance between the real of language and the real of history. Finally, the Dialogic Discourse Analysis understands that language has effective existence in the quality of sign, where dialogues relations come from.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Objeto; Saussure; Oposição; Sociolinguística; Análise do Discurso.	Object; Saussure; Opposition; Sociolinguistics; Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO

Tomar a língua como objeto de estudo implica lidar com um problema inicial que parece impor-se a qualquer movimento do analista sobre ela – o da definição. Com efeito, “é impossível definir *língua* de modo completo, preciso e incontroverso” (Guimarães, 2022, p. 256, grifo do autor). Trabalha-se, assim, com conceitos, ou ainda definições provisórias que auxiliam o linguista a construir respostas para as questões e objetivos colocados em sua pesquisa. Foi em razão dessa dificuldade e de seu desejo de encontrar o objeto da linguística em sua forma integral que Saussure (2006, p. 16) julgou “necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.”

A busca de Saussure por conceber a língua como um objeto passível de tratamento científico – na qual declarou que “nela só existem diferenças [...]” e que “quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico [...]” (Saussure, 2006, p. 139) – levou-o a lançar mão de instrumentos assentados em um princípio de relações, as dicotomias conceituais. Assim como ocorre com o funcionamento das unidades no interior do sistema idealizado pelo autor, os elementos dos pares conceituais iluminam-se um ao outro, revelando a sua significação (e seu valor como parte dessa). Logo, para apresentar as características de seu objeto, *la langue*, Saussure preocupa-se antes em “depurá-lo” de um elemento que avalia como não fundamental à descrição de seu funcionamento, *la parole*. Além disso, a não retirada desse segundo termo representava, para tal pesquisador, uma ameaça à natureza científica da linguagem.

Em contrapartida, uma das características da linguística pós-saussuriana é o afrouxamento das oposições conceituais, na direção de uma visão não mais tão dicotomizada dos fenômenos linguísticos¹. Por conseguinte, no que tange à resignificação da ciência linguística ao longo da história, para além de noções polarizadas, hoje se fala em aproximações, singularidades, diferenciações (Batista; Henriques, 2022). Pode-se citar, de passagens, alguns exemplos.

A Análise Materialista de Discurso desloca o par língua/fala para a relação não dicotômica língua/discurso, passando a entender a exterioridade do texto não como uma contraparte isolável desse, mas como um elemento que lhe é constitutivo (Orlandi, 2005). Por sua vez, a vertente dialógica do discurso assume para si um objeto extralinguístico, as relações dialógicas, sem igualmente fazê-lo entrar em estrita oposição com a noção de língua saussuriana. Do contrário, propõe-se uma relação de

¹ Em outros casos, como na Análise da Conversação, essa mudança toma forma na ideia de um *continuum*, como o proposto por Marcuschi (2001) na abordagem da relação fala e escrita.

complementaridade entre tais conceitos, salvaguardando o fato de pertencerem a níveis diferentes de estudo da língua. Assim, as relações dialógicas, realidade do discurso, dependem das relações lógicas e concreto-semânticas (linguísticas), mas são irreduzíveis a essas e têm especificidade própria (Bakhtin, 2013).

Já a Sociolinguística, particularmente a variacionista, talvez represente uma das correntes teóricas que mais frontalmente reage ao pensamento saussuriano, por incidir exatamente sobre o seu ponto nevrálgico – a construção do objeto. A Sociolinguística reclama uma redefinição que incorpore a heterogeneidade como marca registrada (Silva; Severo, 2019), concentrando sua atenção precisamente na fala, a qual aparece, no Curso de Linguística Geral, como uma parte secundária do estudo da linguagem e subordinada à proposta como essencial, a língua. Tal mudança levou à adoção de novos métodos e conceitos, tomados da interface não apenas com Saussure, mas também com Chomsky, um de seus tributários no domínio da linguística formal.

O trabalho objetiva verificar como a Sociolinguística variacionista, a Análise Materialista do Discurso e a Análise Dialógica do Discurso concebem a noção de língua. A escolha por essas correntes se deu em razão da importância desse construto teórico na formação dessas áreas de estudo. De fato, como procuraremos mostrar, a consideração adequada das especificidades e das contribuições de cada vertente de pensamento na ciência linguística passa pela abordagem da língua, por estar o conceito implicado nas noções próprias dos três campos de pesquisa abordados. Nesse ínterim, o estudo busca, de maneira específica: i) entender os deslocamentos realizados em relação ao elemento social da língua saussuriana; ii) observar em que medida a articulação com outras teorias do campo linguístico e social refletiu-se na formulação do conceito; iii) apontar as relações que a noção de língua estabelece com outros conceitos-chave intrínsecos ao corpo teórico de cada corrente. A pesquisa adota a metodologia qualitativa e descritiva, na medida em que busca caracterizar, mediante a revisão de obras-chaves fundadoras, as visões de língua de três diferentes perspectivas teóricas.

Para o alcance desses propósitos, organizamos o trabalho do seguinte modo: nas seções 1, 2 e 3 apresentadas adiante e designadas conforme o nome da vertente linguística enfrentada, discutimos acerca das noções de língua, propondo, conforme a necessidade, um diálogo tanto com o corte saussuriano no estudo da língua quanto com as teorias desenvolvidas em outros campos das ciências humanas. A seguir, na seção “Fim ou um novo começo?”, trazemos uma síntese dos principais apontamentos do estudo, bem como as possíveis aberturas que ele desenha para aprofundamentos das pesquisas sobre o efeito Saussure (Pêcheux, 1998), na direção de reafirmar a sua modernidade e o seu papel primordial na história das ideias linguísticas. Por fim, apresentamos as referências do trabalho.

1 SOCIOLINGÜÍSTICA: A FALA COMO OBJETO POSSÍVEL

Na abertura de seu célebre livro “A pesquisa sociolinguística”, Tarallo (1986, p. 5) prepara seus leitores para a incursão que estão prestes a realizar ao sair do domínio do sistema das regras linguísticas presente virtualmente em todo indivíduo e adentrar o espaço da atualização dessas regras na língua em uso. O autor trata, no momento, do “desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada” e, nessas linhas gerais, apresenta ao pesquisador iniciante a principal tarefa da Sociolinguística.

Chamamos atenção para a expressão “universo aparentemente caótico”, uma vez que, em contraposição aos pressupostos do *Curso de Linguística Geral*, em que a heterogeneidade da fala é posta como uma das razões para a impossibilidade de sua apreensão como objeto científico, a Sociolinguística entende tal parte da linguagem como plenamente possível desse tipo de abordagem. Especificamente sua primeira onda, a qual, segundo Barbosa (2019, p. 57), “foi *sine qua non* para os estudos variacionistas ligados ao modelo laboviano”, teve como legado a produção de pesquisas destinadas a verificar padrões na variação empiricamente observável da fala, com base em fatores linguísticos e extralinguísticos.

Logo, segundo Silva e Milani (2013, p. 8), a premissa da sociolinguística variacionista ou laboviana, como essa primeira onda ficou conhecida, é “determinar os fatores sociais que causam mudanças na língua, ou buscar correlações entre a estratificação social e os usos diferentes de uma língua”. Colocando a questão de modo mais simples, a Sociolinguística estuda os efeitos da sociedade na língua. Conforme os autores e outros estudiosos observam, o sucesso da abordagem laboviana no interior da Sociolinguística leva, em alguns casos, a confundi-la com a própria². Sem a intenção de entrar no mérito da citação dos trabalhos que constituíram a primeira onda desse campo de pesquisa, limitamo-nos por ora a focar o que a Sociolinguística fez com a brecha deixada por Saussure acerca da contradição entre sistema e mudança (Lucchesi, 2012) e, conforme nossos objetivos, como isso se reverberou no estabelecimento de uma noção de língua.

A Sociolinguística firmou-se oficialmente na década de 60, resultante da circulação de ideias entre pesquisadores de diferentes áreas. Conforme esclarece Etto e Carlos (2017, p. 722), “a antropologia colaborou com seus conhecimentos de etnografia, a Sociologia com seu cabedal teórico-metodológico e a Linguística com suas teorias

² Portanto, neste espaço, usa-se unicamente o termo “Sociolinguística” para se referir à Sociolinguística laboviana apenas em razão de economia linguística e de se já ter indicado, na introdução, a proposta do trabalho de analisar especificamente essa vertente da teoria, o que, nesse contexto, permite ao leitor a associação sem maiores problemas.

sobre a linguagem”. Nesse último campo, prepondera como exemplo a influência do pensamento da língua como fato social, mas sob um novo enfoque, uma vez que, como explicam Weinreich; Labov; Herzog (2006, p. 56) Saussure

[...] vê a heterogeneidade dentro do uso linguístico de uma comunidade não como sujeita à descrição sistemática, mas como um tipo de tolerável imprecisão de desempenho [...] para ele, a precondição para lidar com a língua como fenômeno social ainda era sua homogeneidade.

Nessa mesma lógica, Salomão (2011, p. 190) explica que

Uma das grandes diferenças entre a sociolinguística variacionista e a linguística estruturalista é o objeto. Na primeira, o objeto é a fala, enquanto que na segunda, os fenômenos da fala atingem apenas a substância material das palavras, não seu significado, e, portanto, não se constituem como seu objeto de estudo. Outra diferença essencial é a compreensão da variação e das mudanças linguísticas, uma vez que para os variacionistas as mudanças advêm do comportamento social enquanto que para os linguistas estruturalistas elas são internas ao sistema.

Labov propõe, então, esse primeiro e essencial rompimento, ao demonstrar que a diversidade da fala não é uma dificuldade incontornável para os estudos linguísticos. Ainda de acordo com Silva e Milani (2012, p. 9), a originalidade do linguista está “no desenvolvimento de uma metodologia de estudo linguístico de caráter empírico-objetivista e apoiada por análises estatísticas”. Esse ponto requer ainda um comentário, pois, quanto à base epistemológica, Saussure e Labov estão do mesmo lado – ambos partem do empirismo como procedimento de abordagem de seu objeto: o primeiro, para encontrar a herança apenas constituída na totalidade do grupo social (a língua); o segundo, para descrever a regularidade da variação.

No entanto, a Sociolinguística imprime, em termos práticos, uma inversão da fórmula tão famosa de Saussure (2006, p. 15) de que “o ponto de vista cria o objeto”. Nesse novo terreno, como dispõe Tarallo (1986, p. 18), a teoria não filtra os fatos, mas se estende a princípio a todos, logo, “o método teórico-metodológico da Sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente”. É fato que essa mudança por si só já revela um ponto de vista subjacente do pesquisador no enfrentamento à linguagem e, por extensão, na escolha de seu objeto. Com a distinção, porém, intentamos ressaltar o interesse da Sociolinguística pela fala natural, o que leva o entrevistador – para citar um exemplo de um instrumento de coleta de dados bastante empregado nesse domínio – a buscar a máxima neutralidade possível na interação com o seu entrevistado, a fim de que a sua presença não influencie as produções da

comunidade estudada (Etto; Carlos, 2017).

Portanto, entendemos juntamente a Camacho (2010) que considerar a variável como uma unidade estrutural representou uma ruptura da Sociolinguística com a tradição linguística e um momento de renovação teórico-metodológica. Não à toa, a corrente responde também pelo nome de Teoria da Variação, “pois seus pesquisadores procuram analisar as variações que estão em concorrência, as usadas ao mesmo tempo, e as concorrentes, as formas linguísticas que concorrem entre si” (Etto; Carlos, 2017, p. 724).

Ainda, outro embate fundamental para o estabelecimento da Sociolinguística centrou-se no diálogo entre William Labov e Noam Chomsky:

No arcabouço gerativista, a questão da variação linguística é, por sua vez, habitualmente contornada mediante recurso aos juízos intuitivos do falante-ouvinte sobre a gramaticalidade das construções. No entanto, a suposta uniformidade dos julgamentos intuitivos identifica apenas variáveis linguísticas já implementadas e que receberam correção social aberta, enquanto a grande maioria das regras linguísticas situa-se num nível bem abaixo de consciência social, sendo, portanto, desprovida de normas sociais abertas que sejam capazes de produzir algum tipo de uniformidade avaliativa (Camacho, 2010, p. 148).

Vale destacar o valor ideal desse falante-ouvinte, que, não existindo em concretude, é um construto teórico representativo de todos os falantes que compartilham entre si a gramática universal e a faculdade da linguagem. Logo, mais uma vez,

[...] a exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência que é objeto da análise linguística é a posse de um indivíduo. A teoria linguística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela [...]. Encontramos razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que os desvios de um sistema homogêneo não são todos eles erros aleatórios de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala (Herzog; Labov; Weinreich, 2006, p. 60).

Nesse trecho, aborda-se uma questão que, conforme observa Lucchesi (2012, p. 796), não recebeu até hoje uma solução qualitativa na pesquisa sociolinguística, devido ao não desenvolvimento de uma teoria que articule a estrutura (o funcionamento) da língua aos processos de variação e mudança. O problema que se coloca, como lido

acima em “os desvios de um sistema homogêneo *não são todos eles* erros aleatórios de desempenho”, é, ainda segundo o autor, o da “distinção entre um processo de variação estruturado e um processo de flutuação típico da fala; enquanto o primeiro seria um fenômeno de competência, o segundo seria restrito ao desempenho”.

Do mesmo modo, o grande obstáculo para a combinação da teoria gramatical e variacionista está na divergência de seus métodos de abordagem – o contrário do que, como destacamos, ocorre no diálogo com Saussure –, pois essa corresponderia a unir uma “teoria de regras categóricas pensadas dedutivamente com um método destinado exclusivamente a regras variáveis que resultem de sucessivas generalizações indutivas” (Lucchesi, 2012, p. 797).

Falta, portanto, uma resposta da sociolinguística que esclareça a relação entre esses dois componentes inquestionáveis da língua, que tem, na história da ciência em apreço, constituído dois polos em torno dos quais dividem-se os linguistas. É o que mostra Guimarães (2022, p. 259), ao afirmar tanto a existência de linguistas que compreendem a língua como um conhecimento mental tácito sobre correspondência entre sons e significados pertencente exclusivamente a um dado falante, e mais nada, quanto (a visão predominante) de linguistas que a enxergam como uma entidade social. Vale a pena reproduzir aqui as palavras do autor acerca dessa última tendência:

A língua, enquanto entidade unificada, existiria autonomamente fora de nossas mentes, no entrelaçado do ‘tecido social’. Ela se constituiria de um núcleo comum de itens de vocabulário, regras gramaticais e convenções de uso: aquilo que é compartilhado entre os falantes de uma mesma comunidade social relativamente coesa, possibilitando a altíssima compreensibilidade entre eles. Esse corpo de recursos de expressão compartilhados seria uma entidade sócio-histórica acima dos falantes individuais e acima do tempo e do espaço atuais, como um organismo simultaneamente coeso/estável e flexível/dinâmico, comportando variação e mudança dentro de um sistema definido de princípios estruturantes compartilhados. Ainda assim, não se pode negar que, nas mentes das pessoas de uma dada comunidade, haveria ‘cópias’ dessa língua (muito similares, mas não idênticas), enfim: representações mentais de tal entidade social (portanto, entidades psicológicas) (Guimarães, 2022, p. 259, grifos nossos).

Tal conceituação está de acordo com o que Lucchesi (2012, p. 803) conclui quando considera o desafio de se descrever o mecanismo mental que torna possível a produção da fala. O autor afirma primeiramente que, sendo a faculdade da linguagem um patrimônio genético da espécie humana, a análise do fenômeno linguístico sai do eixo sincrônico para o eixo atemporal (“entidade sócio-histórica acima dos falantes individuais e acima do tempo e do espaço atuais”). Em seguida, ele argumenta que, por

ser tal faculdade apenas observável numa língua natural e essa, por sua vez, ser um produto da criação coletiva (“esse corpo de recursos de expressão compartilhados”), decorre, do fenômeno psíquico-biológico e a-histórico da linguagem humana encerrado no indivíduo, uma manifestação objetiva “inextricavelmente coletiva e a *fortiori* sócio-histórica”.

Em suma, ao entender a língua como propriedade não do indivíduo, mas da comunidade, Labov discorda tanto da ideia de homogeneidade linguística trazida por Saussure quanto do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (Etto; Carlos, 2019). Contudo, a Sociolinguística não é de todo alheia ao pensamento desses teóricos, como se nota pela recuperação crítica dos conceitos de sistema (e nesse bojo, embora a palavra não seja citada em nenhum momento do CLG, a ideia de estrutura) e de faculdade de linguagem.

Sobre a noção de sistema, de acordo com Camacho (2010, p. 148), para resolver os problemas da estrutura linguística, Labov “incluiu, em primeiro lugar, a concepção de que o sistema linguístico, inerentemente variável, é constituído pelo conjunto das formas manifestadas na situação social por falantes em processo real de comunicação.” Prova disso se encontra em seus próprios escritos, quando Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 88) propõem como solução de conciliação entre o fato da mudança e a natureza categórica da estrutura homogênea “romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade”, concluindo que “uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.”

Sobre a noção de faculdade da linguagem, ainda que de modo insuficiente conforme discutido, a Sociolinguística a aborda no trabalho de construção de seu objeto. Como explicam Silva e Milani (2013, p. 9), isso foi feito com o propósito de opor-se à ideia gerativista de ser a competência o verdadeiro objeto dos estudos linguísticos, uma vez que tal noção “dependia da análise das ‘intuições linguísticas dos falantes nativos’, o que seria apenas possível através da introspecção dos envolvidos.” Em contrapartida, William Labov “focou sua discussão na língua como um fato social e determinou que seu estudo ocorresse por meio da observação direta da forma como os falantes utilizam a língua em suas relações cotidianas, ou seja, pela observação empírica e não pela introspecção.”

Nesse contexto, conforme Tarallo (1986, p. 6), o modelo sociolinguístico de análise torna redundante seu próprio nome, uma vez que “não admite a existência de uma ciência da linguagem que não seja social.” Assim, o social da língua aqui levado em conta é o social *a priori*, quer dizer, heterogêneo, mutante e mutável. O social transborda o lugar na dicotomia que lhe foi atribuído pela linguística formal e se mostra também no outro componente do par, na medida em que, nessa nova perspectiva,

busca-se construir “os padrões coletivos de comportamento linguístico da comunidade de fala” (Lucchesi, 2012). Dessa forma, a Sociolinguística se coloca na via de contramão à visão Saussuriana quanto ao entendimento da fala como objeto inclassificável, do qual não se pode inferir alguma unidade.

Na próxima seção, adentramos na exposição de duas vertentes relativamente próximas de estudo que também interrogam o objeto saussuriano, desta vez ressignificando a relação do sujeito com a língua de maneira mais radical, haja vista não só a contribuição que semelhantemente recebem de outras áreas, mas também o extrapolamento substancial que propõem em relação aos limites da própria linguística. Tratemos, então, do campo do discurso.

2 ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO: UMA CRÍTICA À AUTONOMIA DO OBJETO

Embora por vezes prevaleça dentro do imaginário dos iniciantes na Análise do Discurso Materialista (ou, como passou a ser conhecida no Brasil, pecheutiana) uma possível rejeição de Pêcheux em relação aos conceitos desenvolvidos por Saussure, é importante postular que a base da análise discursiva francesa se alicerçou sobre três pilares: a psicanálise lacaniana, apontando para os estudos acerca da intervenção do inconsciente; a releitura dessa psicanálise por Althusser em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, concebendo observações quanto ao aparelhamento social; e, por fim, na Linguística, produzindo reflexões referentes à convenção social externa ao sujeito pressuposta pelo pensamento saussuriano.

Entendemos que tal ideia se deve, principalmente, às críticas tecidas por Pechêux em suas obras iniciais inauguradoras de sua vertente de estudo do discurso. No entanto, observamos que o cientista social vale-se, na verdade, das contribuições desse núcleo teórico popularmente nomeado como a parte “dura” da Linguística, pois justamente faz passar por ele a sua busca pela cientificidade na teoria do discurso (Oliveira; Manzoni; Menezes, 2013).

Na primeira fase da Análise do Discurso pecheutiana, na década de 1960, o formalismo de Saussure se faz presente em distintos campos. A aproximação entre uma e outra abordagem, na realidade, preparou o terreno para o que poderíamos chamar de “furo” na bolha linguística e para a difusão de leitura do Curso de Linguística Geral, suscitando as diversas críticas e apreciações que foram direcionadas a Saussure. A exemplo disso, podemos citar o corte sobre língua/fala e a problematização gerada sobre tal conceito. Os desdobramentos disso serão trazidos mais à frente, mas adiantamos que essas noções juntamente às percepções de materialismo histórico e da ideologia como propriedade dessa concepção aprimoraram a forma como a Análise

Materialista do Discurso passou a ser concebida.

Saussure, em sua teoria, delimita uma dicotomia sobre o que seria interno e externo à língua e inicia essas reflexões propondo um corte entre língua e fala, de modo a postular uma suposta sobreposição da primeira sobre a segunda, mediante as afirmações de que a língua é tida como um sistema que não sofre alterações por componentes que estão em sua exterioridade, construindo-se, então, como um conjunto de signos que se relacionam dentro de uma rede que é fixa. Por sua vez, a fala seria subjetiva e simbolizaria o uso da língua. Dessa forma, aponta-se o sujeito como proprietário do dizer, admitindo uma ideia de liberdade segundo a qual o sujeito fala como quer, com os sentidos que quer, dentro dos mais diversos contextos. Assim, a língua em sua condição de partilhamento é remetida à coletividade, enquanto a fala é posta como um construto individual:

As conseqüências decorrentes da definição saussuriana de língua, na visão de Pêcheux, são: a exclusão da fala e a exclusão das instituições não semiológicas. Segundo Pêcheux, ao excluir a fala, Saussure autorizou o surgimento do sujeito. Se a língua é um sistema de regras determinadas e encontra-se em oposição à fala, o sujeito, que se localiza no polo da fala, desfruta de liberdade porque não está submetido às regras próprias do sistema da língua (Oliveira, 2011, p. 1546).

Em relação ao aspecto supracitado, Pêcheux sintetiza que esse corte não deve ser absorvido como tal, ou seja, em uma separação tão explícita, uma vez que a língua entendida como este sistema de signos possibilita a composição de muitas formas de enunciar, embora na realidade o que pode ser observado é o atravessamento da história nas falas dos sujeitos. Nesses termos, se, para Saussure, o sujeito é “senhor de sua fala”, na teoria pecheutiana, o sujeito vem a ser parte de um traspassamento histórico. Em outras palavras, Pêcheux traz a percepção de que o sujeito não se manifesta por meio da fala como dono do dizer, mas é atravessado pela história no momento de seus ditos, é a viabilidade mesma do dizer em uma dada circunstância histórica.

Imergindo nas proposições que passam a tomar força na construção da teoria discursiva, talvez possa se afirmar que a intenção do pensador francês seja a ampliação dos pressupostos estabelecidos de modo a dar corpo às noções componentes do cerne de sua elaboração teórica:

Pressupomos, então, que o modelo de método criado por Saussure foi um dos motivos para Pêcheux recorrer a ele. Saussure separou a língua do empirismo e da concepção psicologizante que Pêcheux também refutava. Logo, pode-se dizer que Saussure, de certo modo, serviu para Pêcheux como inspiração e exemplo de como se trabalhar com um método próprio

(Oliveira, 2011, p. 1543).

Seguindo a linha de relação entre Saussure e Pêcheux, vemos que o primeiro autor, ao tratar dos fatores internos e externos de uma língua, sinaliza que a construção referente ao sistema de signos é vista como um fator interno, enquanto a linguística externa se empenharia no tratamento do que poderia ocorrer na história da língua e com as variações a partir de sua associação com as instituições sociais. Dessa forma, o que acontece de maneira externa são fatores que não podem ser tão contidos. Já para Pêcheux, o sistema de signos pode ser modificado em função do momento histórico político, do que caracteriza historicamente as instituições sociais. Logo, nota-se que a história atravessaria tudo aquilo que é, para Saussure, externo à língua.

[...] num determinado momento do percurso teórico de Michel Pêcheux, dá-se destaque à língua na condição de possuidora de uma autonomia relativa, regida por leis fonológicas, morfológicas e sintáticas. [...] essa abordagem da língua corresponde a um elemento essencial na mudança de terreno proposta por Pêcheux, uma vez que lhe permite teorizar sobre um funcionamento que não é integralmente linguístico, e que remete justamente à dimensão da particularidade do discurso (Gasparini, 2010, p. 61).

Nessa definição, encontraremos as afirmações de Saussure sobre a língua como instituição social, mas diferenciando-a das outras sob o dizer de seu caráter semiológico. Para Pêcheux, tal distinção opera a exclusão de determinados aspectos sociais, tal como a percepção de que as instituições sociais de caráter não semiológico apresentam opacidade no funcionamento de suas regras, bem como a língua apresenta em relação às suas normas para seus locutores. Daí desdobra-se um dos conceitos mais importantes na teoria da Análise do Discurso, o de Condições de Produção, ideia que permanece na teoria juntamente com o de Formações Imaginárias, mesmo após as reformulações ocorridas nas fases seguintes da Análise do Discurso.

O que discorreremos até agora concorre para a compreensão das relações existentes entre Pêcheux, com a sua teoria da Análise do Discurso, e Saussure no estabelecimento da Linguística como ciência. A Análise do Discurso de orientação pecheutiana interliga a história e o estudo linguístico de modo que o que parecia inalterável (a língua) passa a ser absorvido como algo móvel em consequência da interferência da história. A língua passa, então, a ser vista não apenas como estrutura, mas também como um acontecimento a partir da caracterização de instituição social, atravessada pelo materialismo histórico, teoria própria das formações sociais e da ideologia. Logo, “a matéria significativa adquire sentido de acordo com as representações ideológicas que o sujeito constrói ao enunciar” (Trombetta, 2020, p. 2)

Nessa direção, Eni Orlandi (2020, pp. 13-14) afirma que:

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. [...] a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (Orlandi, 2020, p. 13-14).

Assim, entendemos que, na Análise Materialista do Discurso, língua e sujeito se constroem em igual sintonia, de maneira recíproca, não existindo pensamento anterior à linguagem, mas sim aquele elaborado uma vez que o sujeito atua em seu meio, em sua posição dentro da sociedade e evoca, por intermédio da linguagem em seu uso concreto, a produção de sentido do discurso como efeito do processo de interação com o mundo.

3 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: A LÍNGUA COMO LUGAR POR EXCELÊNCIA DE REALIZAÇÃO DA IDEOLOGIA

Diferentemente da perspectiva anterior, a corrente de estudo denominada no Brasil como Análise Dialógica do Discurso oficializou-se como tal já postumamente às obras produzidas no interior do Círculo de Bakhtin, como fruto do trabalho de releitura desses trabalhos iniciadas por pesquisadores do Círculo a partir da década de 1970. A recepção das produções do grupo (no qual destacam-se autores como Bakhtin, Voloshinov e Medviédev, embora, talvez por uma questão de maior difusão das obras, o primeiro termine por dar nome a todo grupo) foi tão complexa que hoje a crítica a divide por fases.

Segundo Boenavides (2022), essa separação pode ser um passo para organizar o caos acerca da recepção do pensamento bakhtiniano no Brasil, o que não diminui a importância das leituras realizadas em cada uma das fases. Isso é ainda mais verdadeiro quando se considera, como menciona a autora em momento posterior, os significativos esforços empregados pelos estudiosos, sobretudo nas primeiras recepções das obras, para sistematizar os conceitos desenvolvidos pelo grupo frente a “um acesso fragmentado, descontínuo, descontextualizado e descontemporizado aos textos” (p. 119). Curiosamente, dentre os outros teóricos aqui referidos, Bakhtin é o mais contemporâneo de Saussure, sendo a sua primeira obra, já citada neste trabalho, publicada em 1929 com o título Problemas da criação de Dostoiévski. Ainda no mesmo ano, vem ao ar Marxismo e Filosofia da Linguagem, cuja autoria não é um ponto

consensual entre os leitores do Círculo, haja vista a recepção do texto dividir-se quanto à atribuição dessa a Voloshinov, a Bakhtin ou, ainda, a Bakhtin/Voloshinov (Faraco, 2009).

Nesse último livro, encontram-se precisamente as bases da teoria dialógica da linguagem. Nele, há um cuidado em distinguir o objeto dessa área de estudo dos objetos das duas orientações do pensamento filosófico-linguístico dominantes no século XX – o subjetivismo idealista e o objetivo abstrato, no qual se insere Saussure. Em um diálogo aberto com o linguista, Volóchinov coloca mais uma vez o problema de perscrutar a realidade da língua, para observar em que consiste sua essência. Nesse projeto, Bakhtin (2006, p. 96) reconhece que, do ponto de vista da consciência tanto do ouvinte quanto do falante, a língua não existe unicamente como sistema objetivo de formas normativas inertes à ação do indivíduo:

[...] a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

A carga valorativa que recobre a palavra a despeito da vontade do locutor advém da sua mobilidade em diferentes contextos, ativada por meio das relações dialógicas, que, segundo Bakhtin (2013), constituem a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego. Tais relações são o objeto da metalinguística, cuja proposição, como explica Grillo (2006, p. 123) e salientamos anteriormente, se fez na “oposição complementar com a linguística da língua”, com interesse pelos “fenômenos de diálogo que, mesmo pertencendo ao domínio da língua, não se restringem a ela, pois são de natureza extralinguística”. Nesse aspecto, vê-se que a proposta bakhtiniana não implica desconsiderar a face homogênea e reiterável da palavra – seu valor instrumental –, mas subordiná-la à “orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo” (Bakhtin, 2006, p. 95).

Essa última afirmação entra em confronto com, pelo menos, duas teses saussurianas. A primeira e mais importante é a de ser a língua, em detrimento da fala, o objeto apropriado para o estudo do fenômeno da linguagem. Assim como a Sociolinguística, a Análise Dialógica do Discurso não adere à divisão do social e do individual em compartimentos estanques e incomunicáveis. No entanto, a cisão da

teoria dialógica com a linguística formal de Saussure traz implicações distintas, sobretudo éticas, já que, para o Círculo, “o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser)” (Faraco, 2009, p. 86-87). Em seu prefácio ao *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Yaguello (2006, p. 15) captura bem essa novidade:

[...] ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

A segunda tese questionada por Bakhtin (2006) é a da existência objetiva de um sistema sincrônico na história da língua. Em um movimento argumentativo que explora essa noção dentro da própria dicotomia a que ela pertence, o autor escreve:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta. Para o observador que enfoca a língua de cima, o lapso de tempo em cujos limites é possível construir um sistema sincrônico não passa de uma ficção.

Semelhantemente, quanto a esse tópico, as palavras de Yaguello são elucidativas (2006, p. 16):

Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao “sinal” inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. É o que leva Bakhtin a atacar

a noção de sincronia. E o surpreendente, é que Bakhtin não critica Saussure em nome da teoria marxista, largamente proclamada; ele o crítica no interior do seu próprio domínio, isto é, encontra a falha no sistema de oposição língua/fala, sincronia/diacronia marxista, largamente proclamada; ele o crítica no interior do seu próprio domínio, isto é, encontra a falha no sistema de oposição língua/fala, sincronia/diacronia.

Portanto, a compreensão de língua para a Análise Dialógica do Discurso está atrelada necessariamente ao seu funcionamento como signo, resultante da mobilidade das formas em uso. Assim coloca Bakhtin (2006, p. 95-96) quando afirma que, embora o componente da 'sinalidade' exista (o que leva o locutor à identificação e o receptor ao reconhecimento do dado linguístico), não existe enquanto constituinte da língua como tal, como prova a aprendizagem de uma língua estrangeira. Nesse processo, "sente-se a 'sinalidade' e o reconhecimento, que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua. A assimilação ideal de uma língua dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão".

Assim sendo, pode-se afirmar que o sinal corresponde, no quadro teórico apresentado, a uma fase pré-linguística, que deve ser superada no estudo da língua a fim de que se possa captar adequadamente a natureza desse objeto, a de signo. Caso contrário, estará adotando-se, segundo Bakhtin (2006), a língua morta-escrita-estrangeira como base para reflexão linguística, o que, como exposto, não é de maneira alguma um fato objetivo e atestado pela consciência linguística dos sujeitos falantes, definidos por sua prática viva de comunicação social (Bakhtin, 2006). Bakhtin aponta que tal prática é própria da filologia, referindo-se especificamente a oitocentista, vertente filológica "que ganhou sólido prestígio tanto na universidade como fora dela e, mais importante ainda, conseguiu que os seus princípios se convertessem numa doutrina crescentemente popular, com um impacto que prolongou até hoje" (Marquilhas, 2010, p. 2).

4 FIM OU UM NOVO COMEÇO?

Neste trabalho, discorreremos sobre como a Sociolinguística, a Análise de Discurso Materialista e a Análise Dialógica do Discurso reelaboram a noção de língua na esteira da teorização saussuriana. Logo, procuramos mostrar que a preocupação com a idoneidade do objeto consagrada em Saussure não apenas tem importância reconhecida pelos teóricos dessas correntes linguísticas – embora significativamente refratários a seu pensamento – quanto é reproduzida (e, no sentido althusseriano do termo, também transformada) em seu fazer científico.

Desse modo, constatamos que a Sociolinguística, ao elevar a fala à posição de

objeto científico, defende a sua sistematicidade, utilizando-se para tanto de instrumentos quantitativos que comprovam ser a heterogeneidade do sistema linguístico não aleatória, mas regida por padrões definidos seja por fatores linguísticos, seja por sociais. Logo, a Sociolinguística compreende a língua como o lugar da mudança (a qual pressupõe sempre a variação). Na sequência, tem-se que a Análise Materialista do Discurso concebe a língua como um objeto limítrofe, dado no balanço entre o real da língua e o real da história, a qual incide sobre o dizer desfazendo a ilusão de evidência do sujeito e do sentido. Já a Análise Dialógica do Discurso entende que a língua tem por realidade fundamental as relações dialógicas, funcionando, nesse sentido, como o meio por excelência de realização da ideologia e o indicador mais sensível das transformações sociais.

Talvez a complexidade de se estudar a língua seja também o motivo por que ela se revela um objeto tão instigante, na medida em que diferentes tópicos se abrem à observação do analista quando ele pensa ter dela se apropriado. De todo modo, não importando o lado pelo qual se observe, a língua tem pressuposto em si o elemento de sua eficiência, no sentido de ser o principal meio de comunicação dos grupos humanos e, por conseguinte, o bem que atravessa todas as relações (culturais, religiosos, profissionais, familiares, políticos, econômicos, entre tantos) mantidas pelo homem com o lugar onde vive.

Reiteramos, finalmente, junto a Bakhtin (2006), que não se deve esperar perfeição de uma definição científica. Há sempre algo que, de alguma forma, escapa ao recorte do pesquisador, provando-se comprovadamente importante em um novo momento e, conseqüentemente, dando sentido à ciência enquanto conhecimento em processo, em atividade, passível de ser superado. Diante dessa premissa, reconhecemos que, muito embora seja volumoso o número de trabalhos acerca das novidades implementadas por Saussure na sua abordagem da língua, fazem-se necessários ainda novos estudos interessados em apontar a extensão dessa contribuição, não apenas nas vertentes que compartilham de seu pensamento, e sim precisamente nas que lhe fazem oposição de alguma maneira.

Logo, podem ser conduzidas pesquisas, por exemplo, que tensionem a *langue* saussuriana a unidades de análise (objetos), correlatas ou não, de outros contextos teóricos, delimitadas conforme a linha de compreensão nesses assumida para apreender o fenômeno de linguagem (biológica, psíquica, linguística, social, sócio-histórica, cultural, para citar algumas). Tal abordagem teria como finalidade não simplesmente contrastar as diferenças – com possível demérito de uma teoria em relação à outra – mas defender a validade de ambas como representantes de programas teóricos específicos, os quais, mesmo não gozando de total aceitação, deixam marcas de uma racionalidade

fundadora, senão em seu tempo, na sua posteridade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense Universitária, 2013.
- BARBOSA, G. M. O. A teoria da variação e mudança e a sociolinguística histórica. *Entheoria*, Serra Talhada, v. 6, n. 1, p. 48-63, 2019.
- BATISTA, L. E. M.; HENRIQUES, S. M. Um encontro Saussure-Bakhtin na episteme. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 17, n. 1 p. 74-97, 2021.
- BOENAVIDES, D. L. P. Publicação e recepção das obras do Círculo de Bakhtin no Brasil: a consolidação da análise dialógica do discurso. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 104-131, 2022.
- CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *Delta*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 141-162, 2010.
- ETTO, R. M.; CARLOS, V. G. Sociolinguística: o papel do social na língua. *Mosaico*, São José do Rio Preto - SP, v. 16, n. 1, p. 719-737, 2017.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- GASPARINI, E. N. *Língua e Lalangue na Análise do Discurso de Michel Pêcheux*. 2010. 160 f. Tese de Doutorado. Tese (doutorado em linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- GRILLO, S. V. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. *Horizontes*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 121-128, 2006.
- GUIMARÃES, M. O que é uma língua? In: OTHERO, G. A.; NASCIMENTO, V. *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 256-260.
- LUCCHESI, D. A teoria da variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, 2012.
- MARQUILHAS, R. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, F. M. et al. (Orgs). *Filologia, Memória e esquecimentos*. Act. 20. Lisboa: Húmus, p. 335-67, 2010. Disponível: https://www.academia.edu/37227293/Filologia_oitocentista_e_cr%C3%ADtica_textual. Acesso em: 1 set. 2024.
- OLIVEIRA, L. A. de; MANZONI, A. S. S.; MENEZES, S. Michel Pêcheux e Ferdinand Saussure: existe um diálogo possível?. *Revista Investigações*, v. 26, n. 2, p. 1 - 12 , 2013.

OLIVEIRA, P. D. Michel Pêcheux como leitor de Saussure. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1541-1550, 2011.

ORLANDI, E. P. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 75-88.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 4, p. 34-55, 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, 2011.

SILVA, D. M; MILANI, S. E. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 14., 2013, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1-12. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1905.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

SILVA, F. L.; SEVERO, C. G. Para uma crítica à noção de diferença: o caso da política linguística. *Revista da ABRALIN*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 1-37, 2019.

TARALLO, F. *A pesquisa socio-linguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TROMBETTA, V. M. A língua e seus deslocamentos para Análise do Discurso Francesa. *Trem de Letras*, Alfenas, v. 7, n. 1, p.1-18, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Título em inglês:

**LANGUAGE IN THREE MOMENTS OF LINGUISTIC SCIENCE:
BREAKS AND ALLIANCES**